

Capa

Vidas transformadas pela guerra

Famílias de origem italiana tiveram seus destinos redefinidos depois da Segunda Guerra Mundial

Por Natália Garcia

Bettina voava. O sol forte dava poucas tréguas, e às vezes uma brisa lhe acariciava o rosto e ressecava as gengivas, expostas no largo sorriso. Pouco via do céu, só tinha olhos para o aviador. Não sabia seu nome, mas o rosto imponente e seguro daquele italiano já tinha conquistado seu amor. O voo lhe arrepanhou ainda mais o sorriso quando

passou a ser embalado por uma canção letrada em estranho dialeto. Um italiano, também viria ela a saber mais tarde. O avião já não voava, mas fazia piruetas no céu, e parecia que os dois dançavam sobre as nuvens. Mas um trovão fez o sol escurecer.

Bettina acordou e levantou assustada. Demorou a reconhecer o aroma de café que tantas vezes invadiu seu quarto durante a madrugada. Procurou debaixo do travesseiro a foto do aviador que tinha roubado da casa de uma tia. Reconheceu o protagonista de sua viagem onírica. A canção que tinha lhe embalado o sono agora atraía Bettina para a janela do quarto, de onde era possível avistar o piano que ficava na parte coberta do quintal de casa. Debruçou-se sorradeira para espiar de onde vinha a cantoria. Deu com seu pai, o italiano Brás Orrico Roberto, tocando uma canção italiana, com sua mãe, a baiana Cibele Orrico, sorrindo, e com um jovem trajando roupas de exército e cantando alto de encher o ouvido. O soldado partiria para a Itália de navio dali a poucos dias. Dessas coisas de adulto, Bettina pouco sabia. Aos onze anos de idade, tomava-se de paixão por essas figuras masculinas fortes que lhe cruzavam o fim da infância. E não foi diferente com o soldado cantor. O coração batia tão forte que Bettina não percebeu quando derrubou a foto do aviador no chão. Esses amores metiam mais medo que roubar manga na árvore do vizinho. Medo de ser descoberta, o que lhe abria um buraco negro de tensão por dentro. Mas quando seus olhos passeavam do jovem cantor para seu pai, o peito se aguava em amor seguro novamente. Naquela noite Bettina amou esses três homens intensamente. E os três únicos amores de sua vida lhe foram tirados pela



Natália Garcia

A guerra transformou a vida de Bettina para sempre: hoje, aos 76 anos, ela se lembra com tristeza da dor de perder o pai, que segundo ela 'morreu de desgosto' por conta da derrota da Itália. Abaixo, ela ainda criança, com os pais (Brás e Cibele) e o irmão, José Alexandre



Arquivo pessoal Bettina Orrico

guerra antes que ela pudesse entender o que se passava.

Era 1942. Bettina morava em um casarão na avenida Sete, em frente ao Hotel Bahia, no centro de Salvador. Ela pertencia à alta sociedade baiana. A mistura da Itália com a Bahia resultou numa garota muito mais arretada do que gesticulante. Bettina era temperamental, não gostava quando a mãe a obrigava a levar flores para agradar os donos da empresa de exportação Café Correia Ribeiro, onde seu pai era um importante diretor. Preferia ficar em casa, sozinha, a fantasiar amigos. Mas, aos onze anos, já conseguia compreender que algo em casa não ia bem.

O que Bettina não sabia é que o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, acabava de declarar guerra à Itália. Vargas adiou o quanto pôde seu posicionamento na Segunda Guerra Mundial, que eclodira em 1939. Com o ataque à base militar americana de Pearl Harbor, no início de 1942, o presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt anunciou que entraria na guerra a favor dos aliados. Aí começou a pressão política para que os países da América Latina fizessem o mesmo. Diante desse cenário, Vargas declarou, em 11 de março de 1942, que cortaria relações comerciais com os países do Eixo e que os imigrantes italianos, alemães e japoneses teriam de pagar pelos danos sofridos pela nação.

Brás e Cibele sabiam que a polícia poderia bater em sua porta a qualquer momento para confiscar seus bens. Bettina ajudou os pais a embalarem, então, boa parte dos enfeites da sala, das louças e pratos da cozinha, e o retrato em bronze de Mussolini. Foram todos entregues a uma vizinha, para que os guardasse. Bettina não entendia os motivos de a sala estar agora vazia, de terem deixado de frequentar o clube aos domingos, e tampouco sabia por que sua camisa preta, vestimenta obrigatória no clube, tinha sido guardada no fundo do armário - de onde nunca sairia.

Brás era do partido fascista, que até 1941 dispunha de amparo legal no Brasil. Ia ao Clube Italiano de Salvador para conversar com seus conterrâneos, tomar muito vinho e discutir política - quando a sobriedade lhe permitia. O clube foi



Arquivo pessoal Bettina Orrico

Depois de sair de Salvador, aos 18 anos, Bettina veio viver em São Paulo e estudou moda, aprendeu a cozinhar e se tornou até artista plástica. Mas o destaque na carreira veio mesmo com a gastronomia: ela se tornou consultora do tema na revista Claudia, da editora Abril

fechado e o italiano recebeu um ultimato dos chefes: ou se naturalizava brasileiro, ou seria mandado embora. Brás, quando chegara ao Brasil, era Biaggio e tinha oito anos de idade. Ganhou um nome aporuguesado depois de tantos anos em terras brasileiras e eliminou os vestígios do sotaque napolitano. Mas naturalizar-se brasileiro, para ele, era pedir demais. Foi-se embora para casa, numa autocondenação que jamais o faria ser o mesmo. Passou a acordar todos os dias apenas para vestir seu paletó e se sentar na sala. "Está esperando o quê, meu pai?", perguntava Bettina. "A prisão, minha filha, a prisão", dizia ele sem tirar os olhos da parede. Cansado dessa aflição, Brás comprou uma fazenda no interior da Bahia, onde passava boa parte da semana. Tinha algum dinheiro guardado e esperava que a fazenda pudesse continuar a sustentar a família, com uma vida mais modesta.

A família Orrico era exceção à regra no universo dos imigrantes italianos daquela época. Estima-se que em 1940 residissem no Brasil 300 mil italianos natos e dois milhões de descendentes. A maioria absoluta se concentrou no Sul e no Sudeste, e os Orricos pertenciam aos 5% que se instalaram no Nordeste.

Imigrantes abrazeirados

Em São Paulo, era muito comum ouvir-se o idioma italiano nas ruas, especialmente nos bairros do Bixiga, da Barra Funda, da Mooca e do Brás, onde vivia a família

O avô de João, Giovanni Gianezi (no centro, com o neto no colo), veio do Vêneto em 1888 e logo aportuguesou seu nome, tornando-se João Gianesi, o que o livrou de perseguições na época da guerra



Arquivo pessoal João Gianesi Neto

Gianesi (nome aportuguesado). O patriarca, Giovanni Gianezi, chegou ao Brasil em 1888, aos 12 anos. Vinha de Rovigo, cidade italiana da região do Vêneto, onde fizera um curso de aprendiz de carpintaria. Chegando aqui, Giovanni foi naturalizado brasileiro e virou João Gianesi: daí o nome e o sobrenome aportuguesados. Trabalhou em fazendas no interior de São Paulo, onde conheceu Theresa Trombeli, com quem se casou e teve 12 filhos. Em meados de 1920, com a crise da agricultura cafeeira, João mudou-se para a cidade de São Paulo, arrumou um ofício de artesão e empregou os filhos mais velhos, entre os quais João Gianesi Filho, que trabalhava, após o horário da escola, embrulhando balas numa fábrica.

Quando, em 1942, a posição do Brasil na guerra se definiu, João não sofreu nenhum tipo de represália direta. "Mas, como boa parte dos italianos, ele foi ficando abrasileirado com o tempo", conta João Gianesi Neto, que não se lembra de ter ouvido o avô falar italiano na vida. João tinha sido naturalizado brasileiro, o que aliviava qualquer pressão que pudesse ser exercida sobre ele. João Neto, que tinha seis anos quando o Brasil entrou na guerra, se lembra dos treinamentos para eventuais ataques aéreos, ocasião em que as portas da casa eram fechadas e as janelas tapadas com cortinas pretas, para que as famílias ficassem na sala, no escuro.

"João Gianesi é muito mais exceção do

que regra, quando falamos do cotidiano dos imigrantes italianos em São Paulo". A opinião é do historiador Roney Cytrynowicz, autor do livro *Guerra sem guerra - A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*, editora Edusp. Segundo ele, as instituições que representavam os imigrantes italianos sofreram muito mais com a guerra do que os próprios imigrantes. Exemplo disso são os clubes italianos que foram fechados (como o que Brás frequentava em Salvador), o time de futebol Palestra Itália (que foi obrigado a mudar seu nome para Palmeiras) e o próprio Colégio Dante Alighieri (que não pôde ministrar aulas em italiano aos alunos). Mas, segundo Roney, algumas dessas instituições conseguiam se adaptar para continuar a difundir a cultura italiana. Não havia, de qualquer modo, clima na cidade para uma hostilidade mais intensa, segundo o historiador.

"Mas imagine a tristeza de não poder mais chamar seu time de Palestra Itália e ter que apagar sua cultura", contrapõe a historiadora Priscila Perazzo. Autora do livro *Prisioneiros de guerra: os 'súditos do Eixo'*, lançado pela Imprensa Oficial, Priscila estudou a forma como funcionavam os "campos de concentração" instaurados no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Aliás, é preciso ter cuidado com o termo. A historiadora explica que esses campos de concentração existiam desde o começo do século XX e eram usados para tirar um determinado grupo de pessoas de circulação, concentrando-os em um lugar que não tivesse as características de uma prisão. Os confinados não ficavam em celas, mas em construções com quartos, salas, banheiros, cozinhas e uma área de circulação. Em situações de conflitos e revoluções políticas, esses campos de concentração se transformavam em uma ferramenta de vigilância, mas neles não ocorriam tortura ou maus tratos, e em alguns casos os confinados eram liberados aos domingos para circular livremente pela cidade. Portanto, os campos brasileiros não podem ser comparados aos alemães, por exemplo, que, segundo a historiadora, deveriam ser denominados "campos de extermínio".

Priscila levantou, em seu estudo, onze campos de concentração - ou campos de internamento, como prefere qualificá-los o historiador Roney - que, espalhados pelo país, foram usados para confinar imigrantes alemães e japoneses, assim como tripulantes de navios mercantes italianos que haviam chegado ao Brasil antes da eclosão da guerra e não tinham ainda conseguido voltar para a Itália (em obediência à ordem do governo brasileiro), visto que o oceano Atlântico estava tomado pela frota inglesa de navios de guerra. Estima-se que de 3 a 5 mil pessoas, em sua maioria homens, passaram por esses campos, onde viveram reclusos e chegaram a sofrer maus tratos, como negligência médica e racionamento de alimentação. "O sofrimento dos imigrantes do Eixo é muito diminuído quando dizemos que só as instituições sofreram represália", ressalta Priscila. "Essas instituições representavam a cultura dos imigrantes e, em alguns casos, foram banidas, o que é uma grande violência", completa.

A padaria Di Cunto, mantida pela família Di Cunto desde 1935, foi invadida diversas vezes por policiais para se certificarem de que os proprietários não estavam estocando comida para favorecer imigrantes italianos. Durante a guerra, o Brasil passou por um racionamento de comida, período em que só se permitia a compra de uma cota mínima de alimentos por dia, por família. Também faltavam ingredientes, como a farinha. No fim da guerra, a família Di Cunto utilizava as sobras de macarrão que possuía no estoque para conseguir a matéria-prima. A massa era prensada em máquina de moagem diversas vezes, para que se desmanchasse até a obtenção do ponto de farinha.

O clima de perseguição era muito incentivado pelo governo. "Mas numa cidade formada praticamente por italianos e descendentes, era praticamente impossível persegui-los", diz Roney, referindo-se a São Paulo. Segundo ele, a perseguição aos japoneses e alemães foi muito mais severa e esses imigrantes sofreram muito mais os efeitos da guerra no país. "Os italianos não eram considerados ameaçadores, eram vistos



Natália Garcia

como um povo latino que se assimilava facilmente aos costumes brasileiros e, dos grupos do Eixo, foram os imigrantes que menos sofreram", concorda o historiador João Fábio Bertonha, autor do livro *O Fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, editora EDIPUCRS.

Fato é que o engajamento brasileiro na guerra era cada vez maior - tanto que o presidente Getúlio Vargas recrutou voluntários para formarem a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Em 1944, partiram do Brasil 25 mil soldados para guerrear na Itália contra o Eixo. Apesar desse alinhamento, a maioria dos brasileiros fazia clara distinção entre lutar contra a Itália e combater imigrantes italianos em território nacional. O mesmo valia para os imigrantes que aqui viviam e não alimentavam ódio pelos brasileiros. Tanto é que a família Gianesi festejou quando os "pracinhas" - como eram conhecidos os oficiais da FEB no Brasil - voltaram como heróis da Segunda Guerra por terem lutado na Itália.

Mas em Salvador, na casa dos Orricos, o clima estava longe de ser pacífico. Em 1945, pouco antes do término da guerra, Brás voltou a morar na capital baiana com a família e abandonou a fazenda que comprara três anos antes. Chegou muito doente e pouco saía do quarto. Bettina descobriu que o aviador italiano e o soldado cantor tinham morrido. Ouvia

Da época da guerra, quando era criança, João Neto lembra-se apenas dos treinamentos contra possíveis ataques aéreos, feitos com todos - não apenas com imigrantes do Eixo. Os traços das origens italianas da família se perderam no tempo: o neto não se lembra nem mesmo de ouvir o avô falar em italiano

Antes da guerra, Angelo Luisi estava sempre acompanhado de seu clarinete, 'com a melhor embocadura de Salerno', como ele gosta de destacar. Chegou a levá-lo na bagagem quando foi convocado pelo exército, o que lhe garantiu alguns pequenos privilégios ao se tornar prisioneiro - ele tocava as músicas preferidas dos guardas



Arquivo pessoal Angelo Luisi

conversas dos pais e sofreu em silêncio, procurando consolo nos amigos imaginários. Até que em maio o rádio, sintonizado no Repórter Esso, anunciou que a Alemanha e a Itália tinham sido derrotadas e só faltava a rendição do Japão para que a guerra acabasse. Dias depois, a mesma rádio anunciou que os Estados Unidos haviam lançado uma bomba sobre o Japão. "Ooooooooooba, acabou a guerra!", gritou a menina, que hoje se recorda com pesar haver comemorado a carnificina advinda da explosão da bomba atômica. Desceu as escadas correndo para festejar, mas deu com o pai sério, triste e muito doente. Brás não deixou que a menina comemorasse o fim da guerra com as multidões que gritavam pelas ruas de Salvador. A Itália tinha perdido e ele se sentia derrotado. Morreria alguns meses depois, com uma séria infecção no baço. "Morreu de desgosto", sentencia Bettina. A menina entrou em profunda depressão e, aos 13 anos, foi tratada por um psiquiatra que lhe dava choques na cabeça. Sua mãe, Cibele, nunca engolira o desgosto da morte do marido. Quando Bettina tinha 16 anos, Cibele abriu mão do silêncio diário a que tinha se condenado desde que enviuvara e pediu que a filha cantasse uma canção. As duas estavam sentadas na sala e Bettina entoou um samba qualquer de Carmen Miranda, que acabara de aprender. As forças da mãe sumiram junto com a cor de sua face e seu corpo pendeu para o chão. Bettina acabava de perder a mãe.

Aos 18 anos, em 1950, Bettina veio para São Paulo para tentar se livrar de seus fantasmas. E conseguiu. A metrópole já se recuperava da recessão provocada pela guerra e voltava a crescer economicamente. Bettina fez aulas de moda e aprendeu a cozinhar por hobby. Em pouco tempo se tornou uma importante artista plástica, fez exposições no Brasil e, mais tarde, foi convidada para expor em Roma. Voltou para São Paulo aos 35 anos, quando se estabeleceu como consultora gastronômica da revista *Claudia*, na editora Abril.

Um ex-soldado no Brasil do pós-guerra

A São Paulo do pós-guerra era um excelente lugar para crescer. E foi nela que Angelo Mariano Luisi se instalou quando veio da Itália. Angelo nasceu em 1920 e, quando a guerra estourou, em 1939, tinha uma única paixão: a música. Aos 19 anos, vivia com seu clarinete para cima e para baixo, exibindo a melhor embocadura de Salerno. Mas Angelo foi alistado para servir o exército italiano fascista e, em 1941, fez parte do contingente que avançou pela costa africana. Em um de seus combates, foi preso. Ao meu olhar de espanto, ele junta os cinco dedos da mão no mesmo ponto, golpeia o ar sorrindo e brada: "passei bem, passei bem".

Entretanto, ao partir para a guerra, Angelo levava em sua bagagem o velho clarinete. Na segunda semana de prisão, os guardas já sabiam seu repertório de cor e pediam as favoritas. Angelo tocava, se divertia, ganhava comida, tinha direito a vários banhos de sol por dia, e passeava livremente no lado de fora das grades. Finda a guerra, voltou para a Itália e conheceu Angela, com quem se casou em 1949. Mas a Itália tinha se tornado um lugar difícil de viver, e o músico embarcou para o Brasil com a esposa grávida. Atracaram no porto de Santos e partiram direto para a casa de saúde: Angela daria à luz Giovana. Dez dias depois, vieram para São Paulo, onde se estabeleceram no Brás. Nesse período, Angelo arrumou um emprego na Cantina Capuano, a mais antiga ainda em funcionamento na cidade, aberta desde 1907.

Dez anos depois, em 1959, Angelo tinha juntado dinheiro o bastante para comprar



Natália Garcia

Na volta para a Itália, conheceu sua futura esposa. As dificuldades econômicas do pós-guerra no país fizeram com que os dois viessem para o Brasil - onde Angelo fez sua vida como proprietário de uma cantina

a cantina, e assim virou chefe do negócio, que toca até hoje, às vésperas de completar 90 anos de idade. Quando pergunto o segredo de tanta saúde e sobriedade, ele responde: "Nasci em ano bissexto, no dia 29 de fevereiro, só faço aniversário a cada quatro anos." E sorri com o corpo inteiro. Até sua gargalhada tem sotaque italiano.

Ele exibe na parede de sua cantina diversas fotos antigas e um documento em homenagem à sua bravura na Segunda Guerra Mundial. É fato que Angelo lutou pela Itália, sobreviveu a uma prisão, e depois, em um país cuja língua não dominava, conseguiu juntar dinheiro e se tornar dono de um restaurante. Mas talvez a grande façanha de Angelo não tenha sido a bravura, mas a doçura com que encarou cada um dos desafios que a vida lhe impôs. Sua paixão pela música, e, mais tarde, pela esposa, foram os filtros para mirar uma realidade sombria. "Para tocar clarinete tem que ter paciência, não adianta ficar nervoso", explica, com um sorriso que sempre lhe rendeu melhores frutos do que as armas de fogo. Hoje, é um importante representante da relação entre os italianos e o Brasil.

As lembranças e o presente

"Menina, mas você está me provocando uma catarse", diz Bettina depois de relatar suas tristes lembranças da época da

guerra. Aos 76 anos, ela nunca se casou. Teve alguns relacionamentos, uns mais, outros menos duradouros, mas o fato é que Bettina sente que a capacidade de entregar ingenuamente



Arquivo pessoal Angelo Luisi

seu amor a alguém lhe foi arrancada pelos traumas que ficaram por conta da guerra. Daí, talvez, a paixão pela culinária. Para o escritor moçambicano Mia Couto, cozinhar é um modo de amar os outros. Talvez essa tenha sido a forma que Bettina encontrou para expressar tanto amor contido.

Se para Bettina o passado é ainda tão presente, para João Giansesi Neto é a falta dele que impera. Quando foi conhecer o local de origem de sua família, Rovigo, numa viagem de carro pela Itália em 2007, passou por uma neblina tão densa que o fez perder a entrada da cidade. Lá estava o passado de sua família. Preso em algum lugar nebuloso que João já não consegue encontrar.